

Considerações finais

A coparentalidade é uma dimensão do relacionamento familiar que só pode ser pensada e compreendida a partir de uma contextualização da sociedade e seus principais valores na contemporaneidade. A ideia central desse conceito, de que as responsabilidades e funções familiares são partilhadas por ambos os pais, encontra um fértil terreno na forma como a sociedade atual vê os papéis familiares.

Desde a década de 60, grandes mudanças sociais e importantes acontecimentos históricos, como o declínio do poder patriarcal e a luta por direito à igualdade entre homens e mulheres, contribuíram para que as concepções sobre maternidade, paternidade e relacionamento entre pais e filhos fossem sensivelmente alteradas. Observa-se, na atualidade, uma tendência à maior flexibilidade e indefinição dos papéis familiares, anteriormente determinados com rigidez e hierarquia. Homens e mulheres transitam mais livremente entre o mercado de trabalho e o ambiente doméstico, e há, na sociedade contemporânea, a expectativa de que ambos possam se ocupar tanto das questões financeiras quanto das responsabilidades parentais. Cabe ressaltar que esse modelo de funcionamento familiar ainda não reflete uma homogeneidade das práticas vivenciadas na maioria dos lares. Coexistem, nos dias de hoje, famílias que se aproximam de um modo de relacionamento igualitário e outras que ainda se constituem baseadas em padrões mais tradicionais.

A partir das entrevistas realizadas, pode-se observar que esses valores de igualdade e flexibilidade de papéis encontram-se presentes nas famílias de todos os participantes. Independentemente da forma como cada casal estabelece a divisão das despesas e das tarefas domésticas, predomina uma mentalidade a favor da diminuição das diferenças entre homens e mulheres no contexto familiar. Todos

defendem a participação de ambos os pais na rotina dos filhos e reconhecem os benefícios dessa parceria para a criação das crianças. Pode ser observada uma grande mudança na percepção e nas expectativas sobre a atuação do pai na família. A figura do pai distante, limitado às funções de provimento financeiro e disciplina, já não reflete mais a realidade e o desejo dos homens contemporâneos. Esses se mostram mais envolvidos no cotidiano dos filhos, mais afetivos e preocupados com o bem-estar das crianças.

Tanto os homens quanto as mulheres participantes enfatizaram que em suas famílias há um intenso envolvimento dos pais na criação dos filhos e ressaltaram os aspectos positivos dessa interação. As mães falam com orgulho e contentamento do interesse de seus maridos em compartilhar as questões e tarefas parentais, apontando os benefícios dessa participação masculina tanto para elas quanto para toda a família. O maior envolvimento paterno, segundo essas mulheres, evita a sobrecarga feminina e promove para as crianças a percepção de parceria dos pais e de uma maior coesão da família. Os pais entrevistados também demonstram grande satisfação ao descrever seu relacionamento com os filhos. Buscam proximidade física e emocional com as crianças, demonstram claramente sua afetividade e preocupam-se com os aspectos práticos da educação e do desenvolvimento dos filhos. Há relatos de homens que, quando crianças, vivenciaram a ausência de seus próprios pais e, por identificarem a falta que essa presença fez em suas vidas, buscam fazer diferente com seus filhos.

As decisões relacionadas aos filhos passam a ser, na atualidade, questões relativas a ambos os pais. Os casais costumam debater os assuntos relacionados à educação, valores, rotina e regras das crianças e as decisões importantes são tomadas em conjunto. Porém o mesmo não pode ser dito em relação à divisão das tarefas práticas relacionadas às crianças. Embora tanto homens quanto mulheres reconheçam que, de alguma forma, os homens da atualidade estão mais participativos no cotidiano dos filhos do que aqueles pertencentes às gerações anteriores, não pôde ser observado neste estudo um predomínio de uma divisão igualitária nas tarefas do cuidado infantil. Apenas uma pequena parte dos entrevistados afirma viver na prática uma partilha equivalente com o parceiro dos afazeres relacionados aos filhos, na maioria dos casos as mulheres ainda assumem a maior parte dessas funções. Questões biológicas e culturais são apontadas como

as responsáveis pelo maior predomínio feminino nos cuidados parentais e o trabalho fora de casa é visto pelas mulheres como uma possibilidade de cobrar dos homens uma divisão mais equilibrada.

Cabe ressaltar que esse predomínio feminino nas funções parentais nem sempre se reflete em insatisfação. Embora a partilha de tarefas relacionadas aos filhos esteja fortemente ligada à dimensão coparental da relação, os cônjuges não necessitam dividir a parentalidade igualmente para ter um alto nível de satisfação na relação coparental. Mais importante do que a divisão por igual das tarefas em si seria a percepção satisfatória de como essa partilha é feita. Há relatos de mulheres que concordam com esse arranjo entre o casal e não se sentem sobrecarregadas ou injustiçadas por assumirem a maior parte dos cuidados com os filhos. A insatisfação acontece quando a divisão prática dessas funções não está de acordo com as expectativas de ambos os cônjuges ou com aquilo que foi previamente acordado entre os parceiros.

Outro aspecto importante desse aumento da presença masculina na criação dos filhos também está presente nos resultados deste estudo. O fato de ambos os pais serem interessados e ativos nas tarefas e responsabilidades com as crianças também torna mais frequente o aparecimento de diferenças na forma de pensar e agir dos membros do casal. Embora seja óbvia a relação entre o maior envolvimento paterno e um maior suporte no comportamento coparental, o aumento das discordâncias entre o casal também deve ser considerado como um importante efeito dessa participação masculina mais ativa percebida na atualidade. As mulheres, particularmente, dão grande ênfase às dificuldades encontradas nas tentativas de negociação com o parceiro sobre as questões relacionadas aos filhos e falam mais abertamente das discussões geradas a partir dessas divergências.

O trabalho de articulação das diferenças presentes no casal em relação à forma como cada membro percebe e atua na criação e educação dos filhos é considerada uma complexa tarefa para os casais contemporâneos. Os entrevistados reconhecem a importância de um relacionamento harmônico e coeso e buscam estratégias para solucionar e conciliar as divergências do casal. Há uma percepção de que o aparecimento das diferenças diante dos filhos pode ser extremamente prejudicial para a autoridade dos pais e para o cumprimento das regras estabelecidas na família. Eles compreendem que o casal deve funcionar como uma equipe

harmônica, passando para as crianças uma maior estabilidade e unidade familiar. Parece claro para os pais e mães entrevistados que uma coparentalidade funcional requer uma parceria na divisão de tarefas, apoio à parentalidade do parceiro, reconhecimento da autoridade e das contribuições do cônjuge e respeito quanto às decisões de cada um em relação aos filhos.

Uma das causas relacionadas à presença dessas diferenças da forma de pensar e atuar com os filhos são as influências das famílias de origem de ambos os cônjuges. Parece claro para todos os participantes que as diferenças na criação e nas experiências que cada um viveu com seus próprios pais tornam-se presentes no momento em que os parceiros se unem para formar uma nova família. Por outro lado, a semelhança entre as vivências familiares anteriores dos cônjuges parece facilitar a construção de uma prática educativa comum na relação com os filhos.

Embora as diferenças entre os pais pareçam estar sempre presentes na família, nem sempre estas são sinônimos de desentendimentos e brigas. Alguns entrevistados apontam uma menor frequência e intensidade de conflitos nas questões relacionadas à parentalidade e esse fato parece estar relacionado ao temperamento de um ou ambos os integrantes do casal. A capacidade de levar em consideração o ponto de vista do outro e ceder, abrindo mão algumas vezes da sua opinião em determinada questão, foi apontada como uma ferramenta eficiente para minimizar as brigas entre os membros do casal.

Foi percebida uma forte tendência a evitar conflitos e discussões hostis entre os cônjuges, tidos como prejudiciais para a harmonia familiar. O diálogo é a ferramenta mais utilizada por homens e mulheres para tentar negociar e articular as diferenças do casal. Parece claro para os pais e mães participantes deste estudo que as discussões em torno das regras e questões educativas devem ser evitadas ao máximo, principalmente diante dos filhos, sob pena de enfraquecer a autoridade da díade parental. Porém, todos reconhecem a dificuldade em manter essa postura coerente com o cônjuge todo o tempo e parece haver uma cobrança em torno desse funcionamento harmônico idealizado.

Quando o entendimento e a construção de uma forma comum de educar os filhos não parece possível, os cônjuges acabam adotando medidas e regras educativas distintas, coerentes com as concepções de educação de cada um. Porém,

nem sempre isso é percebido como um problema a ser resolvido. Em algumas famílias há um acordo em manter essas diferenças irreconciliáveis e cada um dos pais atua com o filho da forma como considera mais correta, sem a interferência do parceiro, em prol da evitação de brigas e um desgaste entre os membros do casal. Importante destacar que, na tentativa de minimizar os conflitos coparentais e seus efeitos na harmonia familiar, algumas vezes os pais optam por estratégias educativas não consensuais – pai e mãe adotam estratégias diferentes entre si – e até mesmo contraditórias. Essa divergência das posturas de pai e mãe pode contribuir para a inconsistência das práticas educativas e conseqüentemente para o enfraquecimento da autoridade da díade parental.

Diante dessas e de outras dificuldades encontradas na educação dos filhos, o suporte do parceiro torna-se uma dimensão ainda mais importante do funcionamento coparental. Há um reconhecimento da necessidade de apoio mútuo entre os membros do casal para o exercício de uma parentalidade satisfatória. Esse suporte é percebido pelos participantes deste estudo através de diferentes aspectos do relacionamento coparental, como a partilha de tarefas de cuidado dos filhos, o apoio às decisões e à autoridade do parceiro, a busca de estratégias conjuntas de educação, o apoio mútuo em situações de maior desgaste e reconhecimento do outro enquanto pai/mãe.

O desmerecimento ou enfraquecimento da relação coparental pode estar presente em forma de críticas, cobranças, comunicação hostil entre os parceiros e tem como efeito um prejuízo no exercício da parentalidade do outro. Os participantes dessa pesquisa não mencionaram muitos episódios de enfraquecimento da coparentalidade, porém quando citados surgem juntamente com um sentimento de insegurança em relação ao próprio desempenho enquanto pai/mãe. Considera-se a possibilidade de que essa insegurança esteja associada, dentre outros aspectos, a uma cobrança de si mesmo em busca de um desempenho parental idealizado. Dessa forma, a crítica ou exigência do parceiro tende a ser muito mais valorizada e a criar grandes desentendimentos no casal.

A criação dos filhos na atualidade é considerada como um dos importantes aspectos de realização pessoal dos adultos. Os pais mostram-se muito preocupados em realizar a função parental da melhor forma possível e, para isso, buscam informações e orientações sobre como fazê-lo. Os resultados dessa pesquisa

apontam para a busca pela harmonia e minimização dos conflitos coparentais, devido ao entendimento dos pais dos possíveis efeitos de um exercício da coparentalidade não satisfatória pode gerar nas relações familiares e no desenvolvimento dos filhos.

Os entrevistados demonstram grande conhecimento sobre concepções contemporâneas de educação e desenvolvimento infantil, fato que pode estar relacionado ao recorte feito na escolha dos participantes desse estudo. Todos pertencem à camada média da população de um grande centro urbano e, portanto, são pessoas com altos níveis de escolarização e acesso à informação. A interferência cada vez mais comum dos especialistas e suas teorias sobre infância e educação, pode contribuir para uma idealização excessiva da parentalidade e da coparentalidade e conseqüente perda da autenticidade dos pais no exercício de seus papéis. A busca frequente dos pais por mais informações para se sentirem mais seguros na educação de seus filhos também vem acompanhada por cobranças e inseguranças geradas pelo excesso de idealização que esse conhecimento traz aos casais. Novos estudos devem ser realizados a fim de investigar aspectos relacionados a essa coparentalidade idealizada e seus efeitos nos relacionamentos familiares da contemporaneidade.

A coparentalidade, segundo Margolin (2001), consiste na experiência mais significativa que dois adultos podem compartilhar. Trata-se de uma complexa tarefa, pois é por meio dela que os pais negociam seus respectivos papéis, responsabilidades e contribuições para seus filhos. No caso de pais que coabitam, a coparentalidade se estende para além da divisão de tarefas, incluindo outras áreas adicionais da relação, tais como o apoio mútuo nas responsabilidades parentais, o suporte à autoridade do outro e a criação de uma atmosfera de respeito e afetividade mútuos. A importância do desenvolvimento de estudos sobre a coparentalidade reside no fato de o relacionamento coparental ocupar uma posição central na vida familiar. Sua compreensão amplia o olhar sobre a família para além das díades mãe-filho e pai-filho, evidenciando a interligação entre seus membros e trazendo à tona uma complexa rede de influências entre os diversos sistemas familiares.

Compreender que a coparentalidade torna-se uma tarefa ainda mais desafiadora diante das exigências da contemporaneidade pode auxiliar na desconstrução desse padrão de funcionamento coparental idealizado que parece

estar presente nos casais da atualidade. A criação de um ambiente familiar consistente e seguro não está relacionada à ausência de conflitos, à simetria dos estilos parentais, a uma divisão de tarefas absolutamente equivalente ou a uma distribuição igual do tempo de cada um dos pais com as crianças.

Por se tratar de uma análise qualitativa, realizada com um pequeno número de participantes, os resultados obtidos neste estudo refletem a realidade de uma parcela limitada da população. Novos estudos nessa área devem ser promovidos a fim de desenvolver um entendimento mais amplo e claro acerca dos aspectos presentes na interação coparental. Os conhecimentos derivados de pesquisas podem contribuir para dar suporte aos pais na construção de uma coparentalidade emocionalmente saudável para todos os integrantes da família.